

AVALIAÇÃO NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO: OS DESAFIOS E SUGESTÕES DO PONTO DE VISTA DE PROFESSORES E ALUNOS

Data de submissão: 06/08/2023

Data de aceite: 01/09/2023

João Manuel de Sousa Will

Universidade Federal do Tocantins,
Palmas -TO
(<https://orcid.org/0000-0003-3681-579X>)

RESUMO: o artigo trata das percepções dos professores e alunos do curso de Administração sobre as dificuldades e desafios do processo de avaliação do ensino e da aprendizagem, e suas sugestões para melhoria da prática avaliativa. Teve o objetivo identificar as dificuldades, os seus respectivos desafios e as sugestões para os professores e alunos. A metodologia utilizada pautou-se na busca de informações por intermédio de três questionários, dois com questões abertas para professores e alunos respectivamente e um com questões fechadas para outro grupo de professores do curso. O terceiro questionário foi elaborado com os indicadores apontados pelos dois primeiros instrumentos. No resultado emergiram sete indicadores de dificuldades com os seus respectivos desafios e sugestões, que levaram os docentes da pesquisa se posicionaram de forma afirmativa ou negativa sobre esses. As dificuldades e os desafios, de um

modo geral, tiveram baixa adesão, mas as sugestões foram bem aceitas. Concluiu-se que a maioria dos professores acreditam que não apresentam maiores dificuldades no processo de avaliação, mas percentuais altos aceitaram as sugestões apresentadas para melhoria da atividade de avaliação.

PALAVRAS-CHAVE: Processo de avaliação. Ensino. Aprendizagem. Dificuldades, Desafios.

ASSESSMENT IN THE MANAGEMENT COURSE: CHALLENGES AND SUGGESTIONS FROM THE POINT OF VIEW OF TEACHERS AND STUDENTS

ABSTRACT: The paper deals with the perceptions of professors and students of the Administration course on the difficulties and challenges of the teaching and learning evaluation process, and their suggestions for improving evaluation practice. It aimed to identify the difficulties, their respective challenges and suggestions for teachers and students. The methodology used was based on the search for information through three questionnaires, two with open questions for professors and students respectively and one with closed questions

for another group of professors in the course. The third questionnaire was elaborated with the indicators indicated by the first two instruments. In the result, seven difficulties indicators emerged with their respective challenges and suggestions, which led the research professors to position themselves affirmatively or negatively on these. The difficulties and challenges, in general, had low adherence, but the suggestions were well accepted. It was concluded that most teachers believe that they do not have major difficulties in the evaluation process, but high percentages accepted the suggestions made to improve the evaluation activity.

KEYWORDS: Evaluation process. Teaching. Learning. Difficulties. Challenges.

1 | INTRODUÇÃO

A avaliação no contexto educacional vem passando por várias modificações, o que vem possibilitando novas interpretações sobre o ato de avaliar. Assim, foi se configurando uma nova abordagem de avaliação que expressa diferentes modelos de ensino e de aprendizagem (FERNANDES; ALVES; MACHADO, 2008).

Esse texto é resultado de uma investigação desenvolvida em uma universidade pública brasileira no curso de Administração, com a finalidade de analisar as percepções de professores e alunos sobre as dificuldades de avaliar e de ser avaliado. Assim, considerou-se importante que os participantes da pesquisa apresentassem a sua opinião, atribuindo desafios e sugestões para cada dificuldade enfrentada. Um modo de levar em conta como o conceito de avaliação é definido. Concebeu-se a avaliação como o conhecimento de um objeto, de uma realidade ou de um sujeito, sendo relacionado diretamente a sua essência e determinando o que é necessário para ser avaliado (Souza, 2018). A avaliação também pode ser entendida como investigação, como diagnóstico de um objeto ou sujeito, como conhecimento das principais características vinculadas aos sentidos e significados do processo avaliativo.

Analisar as percepções dos professores e alunos do curso de Administração sobre o processo de avaliação, partindo das dificuldades, desafios e sugestões, foi um modo de indicar o que pensam e o que sabem sobre a avaliação, como formadores e formandos no contexto universitário e no processo de ensino e aprendizagem. Assim, partiu-se do pressuposto de que os professores utilizam a avaliação para averiguar não só o nível e a qualidade do aprendizado, mas também a eficácia do ensino. Nessa perspectiva, podem assumir várias vertentes formativas, dentre elas, a com a participação dos alunos, ou seja, do sujeito em formação.

Considerando Sordi (2005), os saberes e atitudes dos professores possibilitam estabelecer uma relação de respeito e acolhimento dos alunos no processo de ensino e de aprendizagem. Desse modo, se faz importante refletir sobre os objetivos/avaliação e somente a partir desta ação é que os professores podem opinar sobre conteúdos/métodos. A reflexão sobre a prática de avaliação inicia-se pela busca da sua lógica. Neste sentido, relacionar dificuldades, desafios e sugestões pode ser o ponto de partida para investigar as

escolhas de avaliação e o caminho que se pretende trilhar no curso de Administração da universidade local da pesquisa? Esta questão norteará a discussão deste artigo.

2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Conceito de avaliação

Nas últimas décadas os sistemas educacionais têm passado por um dilema nos seus objetivos de educar. O paradigma educacional moderno vem enfrentando um novo modo de educação diante do predomínio do critério da performance (ALVES; FLORES; MACHADO 2011), alterando assim, o modo de perceber a educação, a escola e a universidade. Em consequência disso, a mercantilização e a instrumentalização instauram-se no contexto da transmissão e aquisição do saber, como uma necessidade de otimização do sistema econômico em detrimento da finalidade “humanista” na ação educativa (DAY, 2004, APUD ALVES, FLORES; MACHADO 2011).

Em contrapartida, nas escolas e universidades o dilema tem aumentado entre o objetivo da formação humana e da eficácia e produtividade. Desse modo, fica evidente o distanciamento entre a predominância do critério da performatividade e os discursos educacionais e pedagógicos fundados nas narrativas modernas, enquanto o sistema educacional pretende formar cidadãos, o sistema econômico está preocupado com a formação técnica eficaz (ALVES; MACHADO, 2011).

Nesse âmbito ao considerar a formação da cidadania, Alves, Flores e Machado (2011) entendem que a avaliação pode contribuir com o currículo e a prática curricular. No entanto, se faz necessário destacar inicialmente o discurso que legitima a avaliação no currículo oficial.

Nas Diretrizes Curriculares para o curso de Administração (Brasil, 2005), a avaliação é assumida como decisão que faz parte do esforço de flexibilização do currículo e da formação de cidadãos críticos. Um encaminhamento que evita a promoção da exclusão no processo avaliativo. Nesta perspectiva, a avaliação não é utilizada na comparação entre os estudantes e nem no sentido de classificação, mas em função dos objetivos e da formação. Nessa visão, a concepção de Vial (2008) é uma possibilidade de uma nova experiência no contexto da prática curricular, com a avaliação interpretada e utilizada como um trabalho que permite a troca entre sujeitos.

Tal concepção, entende a avaliação como uma decisão política e um dos componentes do trabalho docente (Sordi, 2005). Uma visão de avaliação que não trata somente da técnica destituída de suas reais intenções. Para Alves e Machado (2008), nesse conceito é estabelecido uma relação de valores que determina a escolha entre avaliar e controlar.

Will (2015), tomando como referência Pacheco (1995), entende a avaliação como um instrumento com regras bem definidas, envolvendo a dimensão pedagógica (o processo

didático e a lógica da ajuda da aprendizagem); a dimensão institucional (o diálogo entre os atores e o intercâmbio conflitual) e a dimensão social (a articulação entre instituição e sociedade e a lógica da orientação em função das necessidades sociais e do mercado de trabalho).

Nesta perspectiva, os professores podem assumir a função de introduzir os estudantes de administração na sua formação inicial, orientando a avaliação de suas atividades relacionadas ao mundo da profissão de Administrador para cumprir suas diversas dimensões nas quais está inserida. No contexto universitário, a avaliação pode ter vários sentidos, como: mecanismos de controle, de competição ou de exclusão. Mas pode também assumir outra perspectiva, como mecanismo de construção da autonomia, da cooperação e da inclusão. Qualquer opção e escolha dos docentes, define a significação do processo de ensinar, de aprender e de avaliar.

2.2 O processo de avaliação do ensino-aprendizagem

A avaliação pressupõe as práticas avaliativas, as vezes tradicionais, as vezes mais progressistas. O processo de avaliação está relacionado diretamente com o fazer pedagógico na prática curricular (MENDES, 2005; DEPRESBITERIS, 2008). Essa relação entre ensinar, aprender e avaliar é imprescindível. No entanto, esses três processos: aprendizagem, ensino e avaliação, de um modo geral, têm sido investigados de forma isolada, dificultando, assim, a definição da relação ensino, aprendizagem e avaliação, performando-se a construção de uma visão holística. Esse tipo de processo de avaliação é reforçado por Fernandes (2008) como forma de ajudar os estudantes na melhoria da aprendizagem e os professores na melhoria do ensino.

De acordo com Pacheco (1995), as modalidades principais da avaliação se observam nas seguintes etapas: a) inicial (diagnóstico, contexto, expectativa); b) processo (dinâmica da implementação); e c) final (produto, resultados).

A avaliação inicial como diagnóstico realizado e tem a finalidade de conhecer as condições e as necessidades existentes (PACHECO, 2001), o que implica a identificação das dificuldades, o nível de compreensão e as possibilidades de mudança e alteração do plano e do programa de ensino. Esta etapa vincula-se a organização pedagógica estruturada em ações diversificadas. Assim, se estabelece uma relação entre o conhecimento que se pretende ensinar e o que sabe os estudantes. Esta é a forma de verificar o nível de conhecimento e habilidades que os alunos precisam formar. O diagnóstico como nível inicial torna-se indicador para criação de estratégias de ensino, objetivando contribuir com o novo aprendizado dos estudantes.

Na avaliação inicial de contexto, atribui-se a “decisão de analisar as características curriculares; o tempo dedicado à formação; os objetivos do programa; as características institucionais; e as expectativas”. Na avaliação inicial de expectativas, procura-se diagnosticar as maiores expectativas dos alunos, aquelas relacionadas a possibilidades

e acesso aos conhecimentos, habilidades e atitudes na área de formação, bem como, os tipos de instrumentos que esperam responder com os conteúdos que irão ser estudados.

Pacheco (1995) trata da avaliação formativa durante o ensino e aprendizagem como orientadora da conduta do professor e do estudante. Esta modalidade vai além da interação entre os estudantes. A avaliação formativa é contínua, realizada ao longo do curso ou da unidade de ensino. O objetivo de avaliar revela o alcance da atividade de ensino e de aprendizagem.

Durante o ensino, o docente pode analisar o acesso que os estudantes estão tendo ao conhecimento científico abordado na unidade, as estratégias que estão utilizando para se apropriarem dos conhecimentos, as relações e reflexões que conseguem fazer a partir daquilo que estão aprendendo. Esse é um aspecto importante ao professor para interagir com os estudantes, para rever suas estratégias de ensino, sua forma de comunicação, a reorientação do trabalho em grupo e individual.

Sordi (2005) reconhece a avaliação formativa como componente do trabalho docente; Despresbiteris (2008) como sendo o fornecimento de informações que podem ser utilizadas na melhoria do desempenho dos estudantes durante o processo de aprendizagem. Essa melhoria do ensino e da aprendizagem possibilita a identificação dos problemas e da ajuda imediata.

Avaliar depois do processo é a avaliação final (denominada de sumativa ou somativa), ou seja, o produto que se deseja alcançar no término de cada unidade de ensino e as informações sobre o desempenho dos estudantes no final do processo de ensino e aprendizagem.

3 | METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa fundamentada nas orientações de Lüdke e André (1996), possibilitando o uso de métodos que permitiram a apreensão, a descrição e explicações das percepções dos professores quando falaram das dificuldades, dos desafios e das sugestões.

Os dados quantitativos vinculados aos dados qualitativos, tiveram como base os indicadores das questões fechadas, caracterizando-se assim, como uma pesquisa de abordagem mista, interpretada por Guba e Lincoln (1994) como sendo a natureza dos dados qualitativos em relação aos quantitativos. Essa interpretação não significa o uso do paradigma positivo.

A metodologia mista foi determinante, visto que um grupo de professores e alunos emitiram suas opiniões sobre as dificuldades, desafios e deram suas sugestões para superação de cada dificuldade indicada e um outro grupo de professores analisou tais indicadores e confirmando-os ou negando-os de acordo com as percepções docentes sobre a avaliação no curso de administração.

3.1 Objetivos

Identificar os indicadores de dificuldades, desafios e as sugestões para superação e avaliar a opinião dos professores do curso de administração sobre esses indicadores.

3.2 Amostra

A pesquisa foi realizada com os professores e alunos do curso de Administração. A coordenação do curso possui 24 professores efetivos dos quais 6 (25%) formaram o grupo “A” e aceitaram colaborar inicialmente (primeira etapa) e responderam ao primeiro questionário (questões abertas). Na segunda etapa da pesquisa, 9 (37,5%) professores do grupo “B” responderam ao questionário de questões fechadas. Os dois grupos distintos, de professores, colaboraram com a investigação.

A amostra dos alunos dos Cursos de Administração fez parte dos oito períodos, dos quais participaram alunos do 2º, 6º, 8º períodos do semestre letivo da pesquisa, com uma amostra dos que estão iniciando, os que estão no meado do curso e os que estão no final. Segundo Cervo e Bervian (2002), a amostra é a parte da população ou do universo pesquisado e definida no início, antecedendo a execução da pesquisa.

3.3 Instrumentos

Os instrumentos na primeira etapa da pesquisa se constituíram em um questionário com questões abertas para professores e um questionário com questões abertas para os alunos.

Na segunda etapa da investigação elaborou-se e aplicou-se um questionário com questões fechadas para um grupo de professores. Mas as questões também tiveram como base os questionários dos professores e alunos.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados evidenciaram a relevância da investigação para a compreensão da avaliação do ensino aprendizagem tendo em vista os Indicadores de dificuldades, desafios e sugestões de professores e alunos, levando em consideração a opinião de avaliar e ser avaliado. O ponto de partida foi averiguar quais as dificuldades enfrentadas, quais os desafios que tinham em mente e quais as sugestões que poderiam fazer para melhorar a qualidade da avaliação nas disciplinas do curso de Administração.

4.1 Indicadores das dificuldades, desafios e sugestões do processo de avaliação

Considerando a temática de avaliação: avaliação inicial; avaliação durante o processo; avaliação final; critérios de avaliação; instrumentos de avaliação e tipos de avaliação, a pesquisa foi desenvolvida com base na busca de indicadores de dificuldades,

desafios e sugestões, conforme o quadro 1.

INDICADORES		
Dificuldades	Desafios	Sugestões
a) Avaliar os conhecimentos de forma adequada, sem perder de vista os objetivos que pretende alcançar na disciplina.	a) Escolher o instrumento avaliativo e os critérios de maneira objetiva.	a) O professor deve construir saberes sobre avaliação, analisando o conhecimento inicial, relacionando o que sabe os alunos sobre o novo conhecimento e quais as habilidades apresentadas e o nível de aprendizagem e desenvolvimento que pretende formar.
b) Avaliação inicial para que? Saber o que fazer com as ideias diagnosticadas.	b) Conhecer as condições existentes iniciais dos alunos para a organização pedagógica e propostas de ensino.	b) Usar o diagnóstico do nível inicial como um indicador para os professores criarem estratégias de ensino para os alunos ampliarem, ou construírem novos conhecimentos, ou reconstruírem seus saberes.
c) Avaliar o aluno durante o processo de aprendizagem.	c) Ser criativo para trabalhar com diferentes níveis de alunos e criar estratégias de aprendizagem.	c) Desenvolver um tipo de aula que permita a avaliação dos alunos a partir de observações durante as atividades desenvolvidas na aula.
d) Avaliar o conhecimento científico abordado na unidade de ensino, as estratégias propostas para os alunos se apropriarem dos conhecimentos, as relações que estabelecem e reflexões que fazem a partir do aprendizado.	d) Interagir com os estudantes e conseguir perceber se as estratégias de ensino do professor têm sido adequadas ao aprendizado.	d) Analisar a forma de comunicação na atividade de ensino, como uma reflexão para a reorientação do trabalho dos alunos. Reconhecendo a avaliação como componente do trabalho docente.
f) Criar critérios de avaliação e deixando-os claros para os estudantes conheçam a relação entre objetivos e conteúdo.	f) Transparência no processo de avaliação	f) Reconstruir a concepção de avaliação para compreender que a qualidade do ensino está vinculada ao processo de avaliação.
e) Realizar avaliações, apresentar e discutir os resultados.	e) Usar os resultados da avaliação dos estudantes para modificar as estratégias de ensino	e) Avaliar os alunos, antes, durante e depois do processo e ajudá-los, caso seja necessário.
g) Realizar tipos de avaliação e instrumentos diversos.	g) Propor como instrumento de avaliação situações problemas, relatórios, testes, provas e outros.	g) Assumir outros tipos de avaliação não convencionais.

Quadro 1. Indicadores de dificuldades, de desafios e sugestões

Fonte: pesquisa de campo (2019)..

4.1.1 Avaliação inicial

A análise das dificuldades, dos desafios e das sugestões na avaliação inicial, detectou dois indicadores de diagnóstico dos saberes iniciais, comuns aos professores e alunos.

Dificuldades: diagnóstico dos conhecimentos iniciais relacionados aos objetivos de ensino; o entendimento e o saber dos professores sobre as ideias prévias dos alunos; Desafios: escolher o instrumento avaliativo e os critérios de maneira objetiva e o conhecimento das condições iniciais dos alunos, visando a organização pedagógica e proposta de ensino. As sugestões voltaram-se para o uso do diagnóstico para criar estratégias novas de ensino, na busca da ampliação e construção de novos conhecimentos e saberes por parte dos alunos.

A avaliação inicial é atrelada ao entendimento de que os alunos não são pessoas que iniciam as suas aprendizagens como uma tábula rasa. Quando não têm conhecimento dos conceitos, dos princípios, dos fatos e das teorias de cada disciplina, eles fazem analogias, ou usam seus conhecimentos do senso comum para conectar com o novo. Isso pode ajudar ou impedir que consigam entender, compreender ou aprender o conhecimento disciplinar, interferindo ou não de forma positiva ou negativa nos resultados avaliativos.

As dificuldades do entendimento e do saber o que fazer com as ideias prévias dos alunos, de um modo geral, são da maioria dos docentes, mas o desafio de elaborar um instrumento de avaliação com critérios objetivos, de acordo como Pacheco (2001), deve ser a elaboração de um instrumento capaz de criar condições para se diagnosticar as necessidades existentes pressupostas, ou seja, a identificação das dificuldades, o nível de compreensão e as possibilidades de mudança dos alunos ou dos professores.

Diante do exposto, as sugestões dos professores do grupo “A” e dos alunos, referentes a construção de saberes sobre a avaliação inicial e do uso do diagnóstico como estratégias que podem possibilitar a ampliação dos conhecimentos, pode vincular-se a organização pedagógica estruturada em ações diversificadas. Assim, estabeleceram a relação entre o conhecimento que se pretende ensinar e o que sabe os estudantes.

4.1.2 Avaliação formativa

Dando continuidade à discussão, os professores mostraram a dificuldade de avaliar o aluno durante o processo de aprendizagem. O desafio dos professores lançarem mão da criatividade e da criação de estratégias para lidar com os diferentes níveis dos alunos foram vinculadas a sugestão dos professores fazerem observações das atividades em sala de aula.

A dificuldade de avaliação formativa é uma das questões presentes no contexto universitário, geralmente o aluno é percebido diante do seu resultado. Muitas vezes, porque a avaliação contínua é realizada ao longo do curso ou da unidade de ensino, por isso, torna-se um processo de difícil acesso aos professores, visto que, vincula-se diretamente a sua metodologia de ensino. De acordo com Pacheco (1995), a avaliação formativa durante o ensino e a aprendizagem é tratada como orientadora da conduta do professor e do estudante.

Os professores perceberam que realizar esse tipo de avaliação é um desafio,

porque requer criatividade para trabalhar com diferentes níveis de alunos e criar estratégias de aprendizagem. Esse é um aspecto importante aos professores para interagir com os estudantes, para rever suas estratégias de ensino, sua forma de comunicação, a reorientação do trabalho, seja em grupo, seja individual.

Sordi (2005) reconhece a avaliação formativa como componente do trabalho docente, Despresbiteris (2008), como sendo o fornecimento de informações utilizadas na melhoria do desempenho dos estudantes durante o processo de aprendizagem. Essa melhoria do ensino e da aprendizagem possibilita a identificação dos problemas e da ajuda imediata.

4.1.3 Avaliação final

Na avaliação final apontam as dificuldades de avaliar o conteúdo abordado nas disciplinas (o conhecimento científico abordado na unidade de ensino, as estratégias propostas para os alunos se apropriarem dos conhecimentos, as relações que estabelecem e reflexões que fazem a partir do aprendizado).

Os professores e alunos apresentaram a questão da dificuldade dessa avaliação final, indicando as fragilidades de avaliar o aluno de um modo integral. Realmente, quando se pretende saber qual é o nível de aprendizagem e de desenvolvimento dos alunos se faz necessário um tipo de avaliação que reflita esse resultado. O produto que se deseja alcançar no término de cada unidade de ensino é a informação sobre o desempenho dos estudantes no final do processo de ensino e aprendizagem, que envolvem suas capacidades cognitivas e habilidades para operacionalizar com esse conhecimento. O desafio centrou-se no processo de interação entre os professores e estudantes, entre os próprios estudantes nas estratégias de ensino, para saber a potencialidade de cada aluno no aprendizado. As sugestões diante disso se converteu no processo de comunicação na atividade de ensino, uso da reflexão para a reorientação do trabalho dos alunos e do reconhecimento da avaliação como componente do trabalho docente.

4.1.4 Critérios de avaliação

As dificuldades relacionadas a criação de critérios, estratégias e instrumentos, tiveram como base o critério de clareza relacionada aos objetivos de aprendizagem. Com o desafio de tornar o processo de avaliação transparente. Assim, a sugestão se referiu ao processo de reconstrução da concepção de avaliação para compreender a qualidade do ensino.

A avaliação do processo de ensino e de aprendizagem, essencialmente, necessita de parâmetros avaliativos e de busca de uma consistência interna, dos objetivos e dos conteúdos (ALVES, 2004). Os critérios de avaliação devem ser claros e transparentes, de modo a deixar os estudantes cientes do que são esperando deles (Fernandes, Alves & Machado, 2008). Isto porque eles são importantes referências para se julgar o nível

de desempenho e de desenvolvimento dos estudantes nas disciplinas do curso de Administração.

Ainda se tratando dos critérios de avaliação, esses podem ser encarados como uma imposição docente ou como uma negociação entre professor e alunos. Seja de uma forma ou de outra, é importante deixar claros os critérios, visto que, os alunos podem ter acesso aos mesmos (Sordi, 2005). Isto significa que, os professores precisam estabelecer essa relação com seus alunos, contatos que implicam no estabelecimento de um caminho de ida e de volta, de respeito e acolhimento. De acordo com Pacheco (1995), nesta relação entre professores e alunos é importante à questão do diálogo, uma vez que, a avaliação tem regras lógicas bem definidas e pode ser compartilhada entre professores e alunos.

Para Despresbiteris (2008), os critérios de avaliação podem ser classificados em absoluto e relativo. No primeiro, toma como referência o critério para analisar o desempenho dos alunos de acordo com os objetivos. O segundo, baseia-se em normas para verificar a posição do aluno com relação ao grupo.

O critério de avaliação visto como uma exigência de qualidade está diretamente relacionado com as estratégias adotadas na metodologia de ensino aprendizagem. Além dos conteúdos da formação em administração, o currículo do curso pressupõe a aquisição de competências para os alunos responderem de forma eficaz os problemas e desenvolver a capacidade de continuar a aprender (BRASIL, 2005).

Nesta perspectiva, a avaliação deve ser válida e mais diversificada, visando a expressão não somente dos conhecimentos, mas também das competências e atitudes. Isto configura em uma tendência de os professores optarem por atividades avaliativas múltiplas. Assim, a participação dos alunos na negociação de modalidades e critérios de avaliação, torna o processo mais transparente e os alunos agentes de auto e heteroavaliação, delimitado pelos critérios pautados nos objetivos.

4.1.5 Estratégias de avaliação

No que diz respeito as estratégias de avaliação, a dificuldade foi encontrada na apresentação e discussão dos resultados; os desafios se configuraram no uso dos resultados da avaliação dos estudantes para modificar as estratégias de ensino; a sugestão se referiu à avaliação do processo (antes, durante e depois do ensino-aprendizagem) para ajudá-los, caso fosse necessário.

Falando da relação entre ensino, aprendizagem e avaliação, Silva (2009), traz à baila uma estratégia que contempla “a motivação, o pensamento divergente, o trabalho cooperativo, a ligação aos contextos profissionais e de autorregulação da aprendizagem, vinculando as ações e percepções dos alunos diante de análises das autoavaliações, do desempenho individual no contexto do trabalho em grupo; do consenso por meio de um processo de negociação. Neste contexto o autor apresentou uma conciliação entre a

análise crítica da hetero e autoavaliação.

Para consecução de qualquer estratégia é necessário planejar as atividades que os estudantes precisam desenvolver e vinculá-las a hetero e autoavaliação e modificar as estratégias de ensino a partir dos resultados da avaliação. Isto significa o uso dos resultados, como um elemento de reflexão para repensar o modo e a forma de ensinar para alcançar os objetivos por meio de um bom desempenho dos alunos.

A avaliação como estratégia de modificação do ensino, pode identificar hipóteses formuladas pelos alunos, as suas concepções, os erros construtivos e os equívocos cometidos nas atividades, provas, testes e outros instrumentos de avaliações. De um modo geral, facilita a ação docente nas interações pedagógicas, uma vez que, possibilita a criação de novas estratégias didáticas que propiciam o aprendizado dos estudantes com base na complexidade do conhecimento.

4.1.6 Conteúdos e instrumentos de avaliação

No que se referiu aos instrumentos, os professores e alunos mostraram a dificuldade de lidar com os diferentes tipos e elaborar instrumentos diversos. Perceberam como desafio a proposta de situações problemas, relatórios, testes, provas e outros. A sugestão se concentrou no uso de outros tipos de avaliação que não fossem os convencionais.

Os instrumentos de avaliação, em cada unidade de ensino, têm o propósito de avaliar os conteúdos essenciais planejados. Nesta linha de raciocínio, destacam-se determinadas adequações como: a) sejam adequados ao tipo de conduta e de habilidade que estamos avaliando (informação, compreensão, análise, síntese, aplicação); b) sejam adequados aos conteúdos essenciais planejados e, de fato, realizados no processo de ensino (o instrumento necessita cobrir todos os conteúdos que são considerados essenciais numa determinada unidade de ensino-aprendizagem; c) adequados na linguagem, na clareza e na precisão da comunicação (importa que o educando compreenda exatamente o que se está pedindo dele); d) adequados ao processo de aprendizagem do educando (instrumento não deve dificultar a aprendizagem do educando, mas ao contrário, servir-lhe de reforço do que já aprendeu).

O instrumento de avaliação reflete o que está sendo ensinado aos estudantes; o conteúdo que os professores julgam que vale apenas ensinar e aprender. Na verdade, o que se avalia é justamente o programa cumprido. Vale apenas analisar se estão contemplados os conhecimentos, as competências e habilidade e até as atitudes essenciais à formação dos administradores.

4.2 Apreciação dos indicadores das dificuldades desafios e sugestões do processo avaliativo

Na segunda etapa do trabalho, os professores do grupo “B” apreciaram os indicadores apontados na primeira etapa e emitiram suas opiniões, afirmando ou negando

as dificuldades, desafios e sugestões, conforme o gráfico 1.

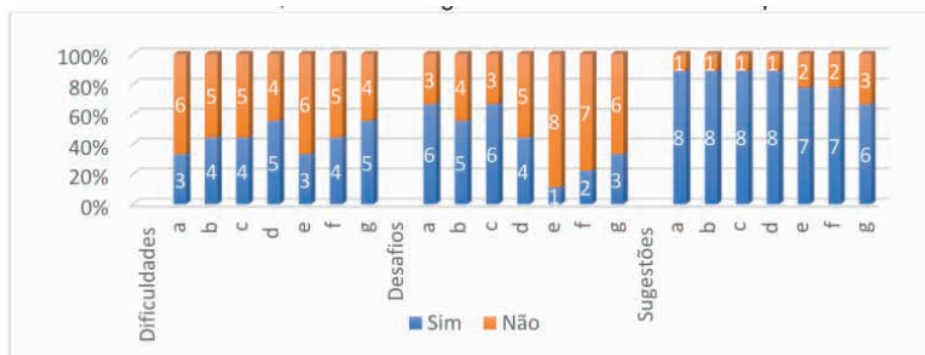


Gráfico 1. Dificuldades, desafios e sugestões relacionadas com o processo de avaliação

No gráfico 1, os professores do grupo B, rejeitaram a maioria das dificuldades. Ficaram positivos apenas os indicadores de dificuldade da avaliação final e os indicadores de dificuldade relacionadas aos instrumentos de avaliação.

Os desafios da avaliação inicial, avaliação formativa e avaliação final foram aceitos pelos professores do grupo “B”, apresentando um resultado positivo. Os demais desafios tiveram resultados negativos, não foram aceitos.

As sugestões foram aceitas positivamente pelos professores, todos os indicadores de sugestões para avaliação inicial, avaliação formativa, avaliação final, para os critérios, estratégias e instrumentos obtiveram um nível de aceitação com percentual alto.

Entretanto, ao confrontar os resultados entre dificuldades, desafios e sugestões verificou-se que não houve uma correlação entre as respostas. Houve um desencontro entre os níveis aceitação das dificuldades e desafios e uma aceitação de todas as sugestões. As dificuldades não foram vinculadas aos desafios e as sugestões propostas, quando os professores expressaram as suas concepções relacionadas aos seus saberes de ensino.

5 | CONCLUSÃO

A identificação dos indicadores de dificuldades da avaliação expressos pelos professores e alunos do curso de Administração demonstraram a necessidade da construção de saberes dos professores sobre os avanços que o processo avaliativo vem apresentando nestes últimos anos no ensino universitário.

Os resultados nos fez concluir que as maiores dificuldades do processo de avaliação no curso de Administração dizem respeito a avaliar o conhecimento científico abordado na unidade de ensino, as estratégias proposta para os alunos se apropriarem dos conhecimentos, as relações que estabelecem e reflexões que fazem a partir do

aprendizado, bem como, realizar tipos diversos de avaliação.

Contudo os desafios analisados, mesmo apresentado um baixo percentual de adesão, observou-se que as sugestões foram aceitas por um percentual superior a cinquenta por cento dos professores. De um modo geral houve um grande desencontro entre dificuldades, desafios e sugestões. Concluímos no entanto, que esse tema relacionado a avaliação ainda pode ser um tabu para os professores e de difícil aceitação de modos diferenciados do referente produto final, que se instalou em todos os níveis de ensino.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. P. **Avaliação e currículo**. Porto Editora, 2004.

ALVES, M. P.; MACHADO, E. A. **Avaliação com sentido**: contributos e questionamentos. Santo Tirso, Portugal: De facto editores, 2008.

BRASIL, Ministério de educação, câmara de educação superior: Resolução nº 4, de 13 de julho de 2005. **Diário Oficial da União**: Seção 1, p. 26, Brasília, 19 de julho de 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces004_05.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2017.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

CERVO, Amado Luiz. BERVIAN, Pedro. A. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

Day, 2004, apud Alves, M. P.; Flores, M. A. Machado, E. A. **Quanto vale, o que fazemos?** Práticas de avaliação. Sano Tirso, Portugal: DE factos editores, 2011.

DEPRESBITERIS, Lea. Avaliação da aprendizagem: revendo conceitos e posições In: Sousa, C. P. **Avaliação do rendimento escolar**. 15. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

FERNANDES, J. A.; ALVES M. P.; MACHADO, E. A. **Perspectivas e práticas de avaliação de professores de matemática**. Braga, Portugal. Cadernos Cied, 2008.

Guba E. G.; Lincoln, Y. S. Competing paradigmas in qualitative research. In: Denzin, N. K.; LINCOLN Y. S. (Eds.) **Handbook of Research** (pp. 105-117) Thousand Oaks. CA Sage, 2008. Disponível em: <http://www.uncg.edu/hdf/facultystaff/Tudge/guba%20&%201994.pdf> em 3 jul. 2013.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MENDES, O. M. Avaliação formativa no ensino superior: reflexões e alternativas possíveis. In: VEIGA, I. P. A.; NAVES, M. L. P. (Org.) **Currículo e avaliação na educação superior**. 1. Ed. Araraquara: Junqueira & Marin editores, 2005. H

PACHECO, J. A. **Avaliação dos alunos na perspectiva da reforma**. Porto: Editora, 1995.

SILVA, José Luís. Auto e hetero-avaliação das aprendizagens: espaço de transformação ou reprodução. In: VIEIRA, Flávia (org.). **Transformar a pedagogia na universidade**: narrativas da prática. De facto editores. Santo Tirso, Portugal, 2009.

SORDI, M. L. Avaliação universitária: mecanismo de controle, competição e exclusão ou caminho para a construção da autonomia, da cooperação e a inclusão? In: VEIGA, I. P. A.; NAVES, M. L. P. (Org.) **Currículo e avaliação na educação superior**. 1. Ed. Araraquara: Junqueira & Marin editores, 2005.

Vial, M. Organização e participação dos formandos na avaliação da sua formação - duas entradas possíveis: as tarefas e os critérios do projecto de formação. In: ALVES, M. P.; MACHADO, E. A. (Org.) **Avaliação com sentidos contributos e questionamentos**. Santo Tirso, Portugal. De factores editores, 2008.

WILL, João Manuel de Sousa. **Currículo e Profissionalidade Docente**: Uma Análise Curricular do Curso de Administração da Universidade Federal do Tocantins-Brasil (Tese de Doutorado). Universidade do Minho, Portugal, 398 p. 2015